



## ESTADOS UNIDOS

# Da vitória em Iowa ao banco dos réus

Depois do triunfo no primeiro caucus republicano da corrida à Casa Branca, ex-presidente começa a ser julgado por difamação de escritora. Especialistas minimizam impacto de indiciamentos do magnata na campanha eleitoral

» RODRIGO CRAVEIRO

Os adversários políticos são “parasitas”, e os imigrantes “envenenam o sangue” dos Estados Unidos, além de destruírem o tecido social. Horas depois de um discurso polêmico para marcar a vitória-relâmpago no caucus republicano de Iowa, com 51% dos votos, Donald Trump — que prometeu realizar a maior operação de deportação da história — retornou ao banco dos réus. Desta vez, o ex-presidente de 77 anos começou a ser julgado por difamação em um processo movido por E. Jean Carroll, 80. Em 2023, a escritora tinha ganhado outro processo por agressão sexual.

Jornalistas que tiveram acesso à sala de audiências da Corte Federal de Manhattan relataram que Trump e Carroll evitaram a troca de olhares. Em junho de 2019, a escritora mencionou o magnata em um artigo no qual denunciou ter sofrido uma agressão sexual. Trump reagiu ao afirmar que Carroll não fazia o seu tipo. “Nunca vi essa mulher na minha vida (...) não faço ideia de quem ela seja”, comentou o ex-presidente. Carroll pede à Justiça uma reparação de US\$ 10 milhões (cerca de R\$ 48,7 milhões) por danos à sua reputação profissional.

Os problemas judiciais não parecem incomodar os planos de Trump de retornar à Casa Branca em 2025. Professor de ciência política da Universidade de Iowa, Tim Hagle admitiu ao **Correio** que a vitória dele em seu estado não era algo inesperado. “Ainda que Trump não seja oficialmente o titular da Casa Branca,

Angela Weiss/AFP



Manifestação contra o ex-presidente republicano, do lado de fora da Corte Federal de Manhattan, antes do julgamento: “Moralmente falido”

é como se fosse um ex-presidente concorrendo a um segundo mandato não consecutivo. É claro que Trump tem problemas jurídicos adicionais que não teve nas campanhas anteriores. O aspecto moral em relação à figura de Trump varia. Certamente, há pessoas que não gostam dele desde 2015. No entanto, na política, você não tem que gostar de alguém para concordar com as posições políticas da pessoa.”

Segundo Hagle, o mesmo ocorre com Trump: um lado (os

democratas e a esquerda) buscam demonizá-lo; por outro lado, muitos dos simpatizantes gostam de seu estilo agressivo de reagir à mídia e à esquerda.

### “Perseguição política”

Hagle concorda que tantos indiciamentos criminais soam ruins para um candidato. “A diferença aqui é que os apoiadores de Trump acreditam em perseguição política, e isso apenas serviu para fortalecer a sua base.

Além disso, os indiciamentos são questionáveis até mesmo para observadores neutros”, ponderou. O professor da Universidade de Iowa considera que o caso julgado pela Corte Federal de Manhattan, em Nova York, parece exagerado e politicamente motivado. “O mesmo vale para o caso na Geórgia (a suposta pressão exercida sobre o procurador do Estado para reverter o resultado das eleições). O indiciamento na Flórida sugere in consistência com o modo com

que outros presidentes tiveram problemas pelo tratamento dispensado a documentos secretos. Por causa de tudo isso, os seus apoiadores uniram-se em torno dele, em vez de o abandonarem.”

Dennis J. Goldford — cientista político da Drake University (em Des Moines, Iowa) — entende que a vitória de Trump no caucus confirma não apenas o status de favorito, como também o fato de o Partido Republicano se tornar, em sua maioria, pró-Trump. “Não é o

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“Há, certamente, uma divisão mesmo entre republicanos sobre como Trump modificou o Partido Republicano. Pode ser bom para partidos serem chacoalhados um pouco para que não se estagnem. Por outro lado, eles não querem retornar a algo que não mais reconhecem. É difícil prever o efeito de Trump e de sua abordagem a longo prazo. O partido parece estar mais disposto a lutar contra a esquerda agora, mas resta saber se isso continuará depois que Trump deixar a cena política.”

Tim Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa

mesmo partido de uma década atrás. Para os simpatizantes do ex-presidente, suas dificuldades jurídicas são falsas e politicamente motivadas. A aparição na Corte não mudará a lealdade de seus apoiadores”, disse ao **Correio**.

Goldford alerta que, caso Donald Trump vença nas eleições de 5 de novembro, ainda sujeito a julgamento, os EUA estarão em uma “situação constitucional sem precedentes”. “Há uma política de que um presidente em exercício não pode ser julgado. Opositores de Trump argumentam que a razão pela qual ele concorre à reeleição é se manter fora da prisão. Não sou alarmista, mas creio que vivemos tempos extraordinariamente preocupantes ou mesmo perigosos.”

## » Entrevista | RAFAEL CORREA | EX-PRESIDENTE DO EQUADOR

# "Nunca vi uma destruição tão rápida de um país"

Rafael Correa, presidente do Equador entre 2007 e 2017, denuncia uma “acefalia” do Estado e associa a recente explosão de violência a erros, omissões, desmantelamento de instituições e penetração do narcotráfico nas diversas esferas de poder. “Nunca vi uma destruição tão rápida de um país em uma época de paz. Sem bloqueios e sem sanções”, afirmou ao **Correio**, em entrevista por videoconferência a partir de Bruxelas, capital da Bélgica, para onde migrou com a família, também em 2017. O economista de 60 anos assegura que, durante o seu governo, o Equador era o segundo país mais seguro da América Latina. “Hoje, somos um dos cinco países mais violentos do mundo.” Durante 20 minutos, ele analisou a crise de segurança equatoriana, acusou o governo de Lenín Moreno, seu ex-vice, de traição e de sucatear o Estado, e apoiou as medidas tomadas pelo atual presidente. No entanto, disparou: “Daniel Noboa não está preparado para governar”.

### Quais as causas da onda de violência que assola o seu país?

É o acúmulo de erros, de ódio e de instruções dadas nesses últimos sete anos, junto à mudança na conjuntura internacional. Os cartéis mexicanos perderam mercado nos EUA e fizeram um pacto com organizações equatorianas.

Há uma tremenda debilidade do Estado do Equador, uma acefalia. Quando deixei o governo, tínhamos quase 5,8 homicídios por 100 mil habitantes. Éramos o segundo país mais seguro da América Latina. Em 2023, tivemos 42 homicídios por 100 mil habitantes. Somos um dos cinco países mais violentos e perigosos do mundo. Nunca vi uma destruição tão rápida de um país em uma época de paz. Sem bloqueios e sem sanções.

### E o que levou a essa destruição?

Em 2017, ganhamos as eleições com Lenín Moreno. Ele nos traiu, com o respaldo dos EUA. Destruí as instituições do Estado, como o Ministério Coordenador da Segurança, que coordenava toda a área de segurança, inclusive com a Colômbia, com as comissões binacionais de fronteira. A luta contra o crime transnacional tem que ser transnacional. A droga vem da Colômbia. Eles eliminaram o Ministério da Justiça, que se encarregava do sistema carcerário. Nossas prisões eram um exemplo para a América Latina. No nosso governo, havia três ou quatro mortos por ano nos presídios. Em 2022, tivemos 400. Eliminaram o Ministério do Interior, responsável pela polícia e pela segurança do cidadão. Hoje, a polícia é altamente corrupta e infiltrada pelo crime organizado.

Reprodução



### Quando a situação da segurança no Equador piorou?

Em 2017, no governo de Lenín Moreno. Ele foi nosso vice-presidente e nos traiu. No ano seguinte, tomaram três das cinco funções do Estado, ilegalmente: a eleitoral, a judicial e a de transparência e controle social. Com a nomeação de um conselho transitório, tomaram a Corte de Justiça, a Promotoria, a Controladoria, o Ministério Público... Foi um golpe de Estado. Dedicaram-se a destruir o país e a me perseguir. Enquanto isso, o crime organizado se fortaleceu. A isso somam-se a crise econômica, que facilitou a captação de jovens desempregados, e o fato de os cartéis

mexicanos terem perdido mercado no norte e começado a mirar para o sul. Eles fizeram convênio com grupos, como Los Lobos e Los Choneiros, que se infiltraram no Estado, no governo de Guillermo Lasso. Agora, é difícil combater esses grupos, que são poderosos e se infiltraram no Estado. Eles têm aliados na polícia e nas Forças Armadas.

### As medidas tomadas pelo presidente Noboa são suficientes?

É óbvio que não. Mas, depois do acúmulo de erros, um grande acordo foi declarado o estado de emergência, com conflito interno, de tal maneira que se possa mobilizar as Forças Armadas com poder letal. O

crime organizado declarou guerra ao Estado. Não podemos permitir isso. Ofereci todo apoio ao presidente Noboa. Mas ele não está preparado para governar. É filho de um dos homens mais ricos do país, um produtor de bananas, que tem bilhões e quis ser presidente. O seu gabinete é de chorar. O ministro da Defesa (Gian Carlo Loffredo) é um tiktokker. A ministra do Interior (Mónica Palencia) não sabe onde está. O diretor de Segurança é amigo do presidente. Não há equipe de governo. Isso me preocupa e me desespera muito. Nossas Forças Armadas são muito profissionais e farão o que têm que fazer. Mas, sem respaldo, até onde podem chegar?

### Como espera que o Equador saia da crise?

Com união. Os setores políticos ofereceram apoio. Temos a oportunidade de fazer um governo de coalizão nacional ou, por último, um grande grupo de assessores nacionais. De gente que conheça de segurança. Mas é preciso orçamento. O presidente teve que reagir. Era uma urgência... Quando há um incêndio, você se preocupa em apagar o fogo. Depois, pensa em como organizar os bombeiros. O crime declarou guerra ao Estado. É preciso responder com todo o poder do Estado. Depois, conversamos sobre como evitar mais violência.

### Que ajuda o Brasil pode oferecer ao Equador nesse sentido?

Toda a ajuda é bem-vinda, desde que se respeite a soberania. Temos Forças Armadas muito profissionais, a polícia tem mais problemas. Se queremos nos ajudar com tecnologia para a detecção de drogas e de armas, para rastrear o dinheiro; se queremos nos ajudar com especialistas em inteligência, para descobrirmos as estruturas dessas organizações, será algo bem-vindo.

### Se o senhor fosse o atual presidente, que medidas tomaria?

Com urgência, eu adotaria o estado de emergência, como fez Noboa. Porém, com estratégia e com equipe de governo. Tentaria recuperar as prisões e a reabilitação social. Temos que acabar com a corrupção na prisão, resgatar os sistemas de controle, isolar os líderes dos grupos criminosos. O narcotráfico se infiltrou entre juízes e promotores. Temos que depurar o sistema judicial, as Forças Armadas, a Polícia Nacional. Eu aplicaria o polígrafo (detector de mentiras). A polícia foi tomada pela corrupção e infiltrada por esses grupos. (RC)

Leia a íntegra da entrevista em [www.correio braziliense.com.br](http://www.correio braziliense.com.br)